Polacrepe
polacgrei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 29
Impressão — Rua do Crucifixo, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1039

Economismo democratico

São dignas de ponderação as palavras que á questão economico-financeira dedicou o recente manifesto do Partido Republicano Portuguez, nome porque se conhece o partido democratico e nome que nós gostosamente lhe reconhecemos, convictos de que nenhum partido, como este, melhor encarnou a essencia inepta e criminosa do regimen republicano.

Este manifesto é um triste documento politico, vestindo com frases banais e arrasoados sem base, esse vulgarissimo apetite de poder, com perfeita ausencia de remorsos pelos crimes passados, que transparece cinicamente através de toda a longa prosa.

Comentado já neste jornal, no seu significado geral, convem anotar afirmações de politica economica em que pomposamente se estriba a logica dos seus autores.

E' cerrado o ataque á politica economica do Dezembrismo; a nós compete emittirmos o nosso juizo, tanto mais imparcial, quanto em rigor a nós, monarquicos, conviriam todos os desprestigios em que sucessivamente a familia republicana vá liquidando.

A justiça, na aplicação de um elevado criterio de interesse geral, nos manda, porém, verberar a ausencia de vergonha com que o partido democratico nem dos peores crimes se arvora em juiz.

* * *

O problema das subsistencias! Mas quem o originou em toda a sua tragica acuidade, senão o governo democratico pela alienação dos navios alemães, e ainda por outro erro, talvez mais grave ainda, mas em geral esquecido por quem do assunto trata: a falta de protecção á lavoura, trazendo como consequencia á decadencia da producção, quando, pelo contrario, a conjuntura da guerra, habil, prudentemente aproveitada, nos poderia dar uma fecundissima acção de fomento, que nem por ser improvisada nos deixaria de dar em pouco tempo a sufficiencia da producção.

O vicio fundamental da governação democratica foi a sua atitude de perseguição á lavoura, que cumpria ao invez estimular na sua actividade productiva: preços oficiais insufficientes, vexatorias fiscalisações, arrombamentos deceleiros, a indisciplina do pessoal operario, são aspectos accidentais de uma complexa attitude geral, que se inaugurou desde a Republica, tendo no democratismo a sua lidima representação e que pode definir-se a *sistematica e vasta desorganização do trabalho nacional*.

Com esta politica de altos odios e rasteira inteligencia o democratismo fechou as duas fontes das nossas necessidades o estrangeiro, pela falta de navios levados por corrompidas negociatas, a producção nacional, estiolizada nas suas aguas vivas, porque o partido republicano portuguez, que fala agora hipocritamente em harmonia de capital e trabalho, ensinou ao operario agricola a lei da perguiça a a escola da indisciplina e ao patrão, tirou-lhe os estimulos necessarios do lucro, desanimando toda a producção.

E' preciso affirmar bem alto que se a politica democratica tivesse sido substituida por um fomento esclarecido e decidido da agricultura, por uma acção de inteligente ditadura, apoiada na representação das classes interessadas, fecundando a charneca portuguesa para uma maior producção frementaria, teriamos muito provavelmente hoje ocereal necessario ao consumo.

Infelizmente obras como estas demandam a virtude fecundante de competentes instituições; e a historia portuguesa traz delas quasi perdida a memoria, que a bem dizer se reata no esplendido fomento dos Reis Afonsinos, que é ainda hoje o eterno modelo a cujo estudo devemos voltar e cuja imitação é a nossa unica esperança.

Acusa o partido democratico a acção economica do desembrismo escalpelizada em dois males assinalados: os varejos ás mercearias e a compra das 33.500 acções com outros erros de finanças.

Os varejos das mercearias, com os seus victos, teve meritos fundamentais; revela uma energia de governação muito apreciavel nos tempo que vão correndo e uma isenção das pequenas influencias açambarcadoras, de que o democratismo nunca deu exemplo.

E o certo é que a unica maneira de fazer com que tabelas sejam cumpridas e o grande açambarcador sejo atingido, é conseguir que os preços de venda ao publico se mantenham no nivel oficial. Não são os preços do produtor que regulam o mercado, mas sim os preços ultimos, que nesta universal organisação de ganancia desenfreada, conseguem os vendedores de retalho. Se se conseguir a regularisação do preço de retalho, é evidente que o retalhista não pagará preços excessivos ao grande comercio, nem este ao producto.

Quanto á compra das 33.500 acções, é bom notar, sem pretender de qualquer maneira justificar esta medida, que erros destes entram naquela categoria das boas intenções nacionais mal servidas pela inexperiencia dos estadistas improvisados das situações revolucionarias; não atingindo o alto grau de nocuidade nacional da politica democratica, com todas as suas agravantes de deshonestidade e a sua hostilidade assanhada contra tudo o que era nacional, contra todas as forças vivas do país.

* * *

Visam estas palavras a firmar o principio de que não é possivel, a tão curta distancia dos seus maleficios economicos, o partido republicano português justificar-se perante o país.

Não concordamos com a acção economica e financeira da situação actual, entretanto muito menos desastrosa que a dos democraticos, esses «organisadores do Desastre Nacional», segundo disse o sr. José Relvas.

E assim, brevemente contamos iniciar neste jornal uma serie de artigos, reclamando do governo a serie de medidas urgentes, que não teem sido até agora postas em vigor, mas que pó lem ainda evitar a catastrofe final que nos espera, desde que para ela nos lançaram os criminosos erros do partido republicano—a perda da nacionalidade, com passagem ou não pelo regimen dos *soviet*.

J. A. Pequito Rebelo

O eterno tema

Continua a *Capital* a reabilitar D. João VI. Em resposta ao nosso presado colega *Diario Nacional* fazia ontem historia como Montépin fazia romances. A sua fantasia começando pela invenção pura, acabou no mais rematado dos insultos. Está a *Capital* em bôas mãos quanto á pretensa *fuga* de El-Rei o Senhor D. Manuel.

O Rei não *fugiu*,—*fugiram-lhe*, já dizia não sabemos quem. E' o que em nobres palavras por outros termos observava o *Diario Nacional*.

Quanto a D. João VI, a *Capital* descompõe-se e refiexiona sobre o caso, como se fosse do seguito de Junot. Realmente, o Rei levou comsigo riquezas e preciosidades. Se cá as deixasse, para quem seriam? Naturalmente, para os francêses, que logo tratavam de os chamar a si. Sirva-nos de exemplo a *Biblia dos Jerónimos*. Se no-la restituiram agradecamo-lo a Luís XVIII, que a comprou á sua custa á viuva do invasor,—á nossa conhecida duquêsa de Abrantes.

E na sua extranha critica historica a *Capital* deita abaixo Lafuente, salta por cima dos factos e mantem a mais divertida das opiniões,—para não dizer a mais grosseiramente ignara. E' de boticario o seu raciocinio, quando assevera que sem a familia-real espanhola se retirar para a America, a Espanha se sublevou e ganhou a sua independencia. Mas e mo seja, essa sublevação senão em nome dos soberanos prisioneiros de Napoleão e restituidos á sua liberdade, depois da entrada dos exercitos aliados em França?

Pobre *Capital*, tão desnudada de imaginação nos seus propositos sectarios! Não se despojou efectivamente a Espanha de nenhuma parcela do seu Territorio continental. Não venha porem a *Capital* atribuir á dinastia a perda de Olivença. Olivença pertencia-nos pelos tratados de 1815. A fé desses tratados é que não foi respeitada por quem grita hoje tanto que é preciso respeitar os compromissos internacionaes... Por pouco lida que a *Capital* seja no assunto, certamente que não o ignora.

E continue! continue oferecendo-nos ensejo para pôr cada vez mais em destaque a caluniada figura del-rei D. João VI. Retirando-se a tempo, D. João VI não fez mais que efectivar uma resolução que esteve a ponto de ser tomada por Pombal.

Do desterro, o Marquês orgulha-se desse facto, recordando, entre os seus serviços prestados á Monarquia, o muito que trabalhou *«para aprestar e armar poderosamente a brilhante esquadra que então se viu no rio de Lisboa, com o oculto fim de que logo que o dito Exercito Hespanhol chegasse á referida fronteira, se embarcariam em huma noite Suas Magestades com toda a sua Real Familia.»*

Volvidos anos, surgiu a hipotese que mais ou menos o Marquês procura evitar. D. João VI nas mãos de Napoleão era Portugal dominado, eram as nossas colonias perdidas. Quando na paz geral se reconstituiu o equilibrio da Europa, não foi o Rei de Portugal quem pesou na balança mas sim o monarca do Reino-Unido, que na campanha de Montevideu denotára uma tão consciente noção de imperialismo americano. E' o motivo porque no opusculo *A dinastia e a Revolução de setembro* escrevia um testemunho insuspeito: — *«Se a Casa de Bragança não tivesse o Brasil em 1807, em vão hoje na Europa se buscara o trono portuguez.»*

A questão não pode ser colocada com maior clareza. Não quer, porém, a *Capital* concordar. Achamos naturalissimo! E' que a sua interpretação da historia. Já a conhecíamos de algures,—do celebre folheto *Da Monarquia á Republica*, publicado depois do 14 de maio. Aí se afirma que as legiões napoleonicas traziam na ponta das espadas, **«ao mesmo tempo que a raina e a humilhação, o espirito da liberdade»**.

Ora é esse amor ao «espirito da liberdade» que leva a *Capital* a pensar de D. João VI como pensaria Junot ao ver que lhe escapava a garantia melhor da ocupação de Portugal. E' já costume velho: — salvem-se os principios, embora desapareça a Patria.

E com isto, que pouco é, supomos ter dito o bastante.

ATLAS
Companhia de Seguros
SEDE:—Rua do Crucifixo, 49

POLITICA

I—A união...

Corre com insistencia que os partidos historicos da republica, os decantados partidos historicos, trabalham com atividade para uma solida união contra o governo do senhor Sidonio Paes.

A ser verdadeiro tal boato ele vem corroborar mais uma vez o que aqui por vezes se tem dito. E' que não pode existir uma republica sem demagogia, por isso mesmo que a republica outra coisa não é, em ultima analise, de que uma demagogia, embora de vez em quando se *não* manifeste.

...De vez em quando se *não* manifeste,—disse e acentúo. E se não vejamos quantas vezes, no curto espaço de tempo em que a republica nos tem governado, ela, a demagogia, tem deixado de mostrar os dentes, perturbando a ordem... Este caso da coligação dos elementos demagogicos da republica para uma tentativa de usurpação do Poder,—que prova? Prova que Proudhon não se enganou ao afirmar que a democracia é a inveja.

Só a inveja, unicamente a inveja, é a determinante do procedimento dos partidarios da republica velha. Só a inveja faz com que eles queiram, custe o que custar, apoderar-se do Poder...

Não é o Patriotismo, não, porque ser patriota, nesta ocasião em que Portugal atravessa uma crise grave, é ser ordeiro, inimigo profundo da desordem. Mais do que isso, o patriotismo consiste em manter uma perfeita comunhão entre os nossos pensamentos e os pensamentos dos nossos Maiores, uma continuação do Passado, um enternecido e arraigado amor á Terra que nos viu nascer...

Consiste nisso o patriotismo republicano? Não. O patriotismo dos homens da republica consiste em:

a) fomentar continuamente a desordem;

b) repudiar tudo quanto seja uma herança do Passado;

c) querer integrar a Patria numa pretendida Sociedade Universal de Nações, o que equivale a uma perda total da nossa autonomia e duma Patria Portuguesa.

II—A absorpção

Reunindo-se todos os republicanos historicos para conquistar o Poder, eles não fazem mais do que a sua obrigação para com um governo que lhes tem impedido o exercicio de governar a seu bel-talante.

E' ainda o factor «inveja» a impeli-los e a impulsiona-los para um ataque cerrado contra o actual governo.

Eu já disse aqui que foi a inveja quem fez o intelectual do Calhariz cortar as relações de amizade com o senhor Sidonio Pais. Essa mesma inveja o levará agora a lançar-se nos braços do «afonsismo», para assim ver se consegue alguma coisa mais do que tem alcançado até aqui.

Igualmente a inveja atirou para o sr. Afonso Costa com o «almeidismo», depois de o Heroi de Newala o ter amarrado ás galés da Historia pelos seus crimes.

Quer dizer: o democratismo opéra uma sábia *absorpção* dos elementos republicanos dos outros partidos, engrandecendo-se assim, emquanto que os outros se vão suicidando.

Caídos nos braços do *afonsismo*, nem os correligionarios do sr. Antonio Zé, nem os do Intelectual Brito Camacho terão força para se levantarem, reorganisando os seus grupelhos mais uma vez.

Absorvidos, em nome da republica em perigo, o democratismo os manterá no seu asilo, não lhes permitindo uma reorganisação que lhe poderia ser prejudicial.

E' verdade que, mesmo na hipotese que o *camachismo* e o *almeidismo* alguma vez nutrissem forças com que se livrassem do jugo *afonsista*, o sr. Afonso Costa continuaria sendo depois para eles o mesmo que tem sido até aqui: — pae e patrão.

Ele teria artes para guardar para si unicamente aquilo e que o povo chama *poleiro*, mantendo os outros na sua dependencia; mas tambem é verdade que o chefe do democratismo, como esperto que é, sabe muito bem que mais vale um passaro na mão do que dois voando, — e isso o levará a não consentir depois uma desagregação, invocando mais uma vez a *republica em perigo*...

Augusto da Costa

O manifesto...

Lêmos esta manhã o manifesto do Partido Republicano Português. Nada de notavel se encontra nele.

E' apenas a reedição das calunias e mentiras da imprensa republicana.

Mas ha comtudo uma coisa a notar:— este manifesto é escrito com o ar de quem acaba de se bater com um bom jantar e tem depositos em bancos estrangeiros...

Já não tem aquela virulencia dos tempos dos comicios, quando ainda não havia nascido para eles o sol radioso do *bodo* republicano...

Tem destes precalços a abundancia...

Dr. Luís de Almeida Braga

Encontra-se doente este nosso querido amigo e ilustre escritor, que, por esse motivo, não tem colaborado ultimamente no nosso jornal.

Ao dr. Luís de Almeida Braga a *Monarquia* envia os seus melhores desejos de rapidas melhoras.

Lêr adiante: Cronica teatral e Conflagração europeia

Era e não era...

Em carta ao ilustre jornalista dr. Anibal Soares, ainda a proposito de D. João VI, diz o dr. Diniz da Fonseca que já ensinava Maurras e Valois quando muitos dos actuaes integralistas faziam madrigaes á republica. Extranha situação, na verdade! Hoje que esses integralistas defendem e manteem como podem e sabem os seus principios monarquicos, a respeito de madrigaes, é o senhor dr. Diniz da Fonseca quem os faz.

Porque, francamente, não percebemos que quem se declare monarquico vote com republicanos contra monarquicos. E' preciso uma casuistica muito subtil para se entender bem. Demais a mais numa pessoa que não só professava, mas até ensinava Maurras e Valois. E' certo que nós nunca lhe demos pelo resultado dos taes ensinamentos.

A não ser que Maurras e Valois nos mandassem ser uma coisa por dentro e outra por fóra. Só assim se compreenderia um monarquico como o dr. Diniz da Fonseca,—«monarquico de polpa, lhe chama a *Capital*,—a attitude de s. ex.ª no Parlamento. De outro modo, ou o dr. Diniz da Fonseca não acreditava no que ensinava, ou ensina hoje aquilo em que não acredita. O dilema é duro, mas verdadeiro. E igual a ele só o conto da nossa infancia:—*Era e não era, andava na serra...*

D. João VI

O nosso colega catolico do Porto, a *Liberdade*, insere no seu ultimo numero um interessante artigo sobre a politica de D. João VI e a sua pretendida fuga para o Brasil, assinado por M. B., que vem corroborar a opinião do nosso redactor principal dr. Antonio Sardinha, opinião que de resto pertence a todos aqueles que compulsam serenamente os nossos documentos historicos e não se seduzem com os pamfletos politicos que por aí andam rotulados de *Historia*.

Coerencia...

A Liberdade mete os pés pelas mãos em resposta a um suelto que não lhe foi dirigido.

Dissemos nós no dia seguinte á sessão conjunta que o sr. Pinto Coelho havia votado o adiamento, pondo-se ao lado do governo contra os monarquicos. Diz *A Liberdade* que no senado a minoria catolica não votara o adiamento ao lado da maioria. E' provavel! E sendo assim, deram mais uma prova da sua *coerencia*...

O que ontem não prestava é hoje magnifico...

E é melhor que *A Liberdade* se cale, porque sobre *miguelismo* lhe podemos contar umas cousas que se dizem ácerca do Centro Catolico...

Dr. João Lucio

Faleceu em Olhão o filhinho unico deste ilustre poeta, deputado monarquico pelo Algarve. Sentimos a dor que escricula o seu coração de pai amantissimo. De nada vale ao dr. João Lucio a certeza de hue o acompanhamos sinceramente na sua angustia, mas não queremos deixar de o significar, com as afirmações mais profundas do nosso apreço e da nossa camaradagem.

Os livre-pensadores

Não é em vão que o sr. Augusto José José Vieira arenga ao povinho e sacode os punhos em rasgos de oratoria.

Se não, vejam esta nota do *Diario de Noticias*, de ontem:

Ladrões de igrejas

Da igreja dos Martires roubaram ontem de um altar uma toalha e um veu, acontecendo tambem o mesmo na igreja da Encarnação.

Os homensinhos que retiraram objectos destas duas igrejas não são precisamente ladrões como incorrecta e irreverentemente insinua o *Diario de Noticias*: são livres-pensadores e ilustres discipulos do grande republicano Augusto José Vieira.

Moreira de Almeida

Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Henriqueta Moreira de Almeida, partiu ante-ontem para a Curia este nosso presado amigo e brilhante jornalista que na imprensa ocupa o logar vago pela morte de Antonio Ennes.

Durante a sua ausencia, fica dirigindo *O Dia* seu filho e nosso querido amigo o sr. dr. João Moreira de Almeida.

Um fraco...

A *Lucta* publicava hontem um artigo de D. Antonio Zozaya.

O sr. dr. Camacho anda agora doidinho por escritores hespanhoes. E tanto é o seu entusiasmo, que noutro dia até transcreveu Blasco Ibañez sem lhe citar o nome...

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

Gloria a Portugal!

A antiga heroicidade da Raça deixa traços de Epopeia nas planicies da Flandres



O capitão Almiro de Vasconcelos—O combate de 9 de Abril.

—O combate de 9 de Abril foi ao mesmo tempo uma coisa terrivel e monstruosamente bela. Terrivel porque a gente de Portugal sangrou com força nesse dia tragico. Bela porque nos deu a prova de que as Virtudes da Raça estavam apenas adormecidas e que pouco bastaria para as acordar!

Logo que as primeiras noticias chegaram a Lisboa um anceio de dolorosa espectativa perpassou por toda a terra portugueza.

As mais formidaveis hipoteses foram formuladas, com a certeza absoluta de que alguma cousa de grave acontecera para Portugal.

Depois começaram chegando noticias detalhadas dessa enorme batalha. Haviam tido razão de ser os pensamentos sombrios das primeiras horas. Mas ao mesmo tempo, como eram consoladoras as expressões com que todos se referiam ao heroismo quasi lendario das nossas tropas! Como haviam sido grandes os bisonhos *serranos* de Portugal! Consolação magoada de heroismo, a levantar a alma da Raça adormecida pelas mentiras do seculo!

Impunha-se-nos ouvir o depoimento de alguem que tivesse sido personagem dêsse drama sem egual! Proporcionou-se-nos hontem a ocasião.

O capitão Almiro de Vasconcelos entrou no combate de 9 de Abril, comandando a 3.ª bateria do 2.º G. B. A. de que fazia parte Augusto Picão Telo, proximo parente do nosso querido amigo Dr. Antonio Sardinha, que se encontra actualmente prisioneiro dos alemães. Monarquico dedicado e militar valente, ele trazenos nas suas palavras de soldado a Fé ardente nos destinos da nossa Patria e o orgulho natural de quem se sente irmão daqueles que tão alto subiram!

A madrugada do dia 9—O combate

—A noite estava escura—começa o nosso entrevistado—e apenas o bombardeamento vulgar de todas as noites nos chamava de quando em quando á realidade! Cerca das 4 horas da manhã o ribombar do canhão aumenta a sua intensidade a tal ponto, que começamos a prever que alguma coisa de anormal se iria passar. Esta duvida é passageira, pois que passados momentos adquirimos a certeza de que nos encontravamos na realidade em face duma forte preparação da artilharia inimiga, preparatoria, sem duvida, dum violento ataque. Saí da «mess», acompanhado dos meus unicos dois subalternos, e dirigi-me para a bateria. O escuro da noite, agravado por um espesso nevoeiro, nada deixava ver. Granadas de todos os calibres caíam sem cessar em volta de nós e em todas as direcções, dando-nos a impressão de que nos encontravamos sob uma terrivel chuva de ferro e fogo, que por completo revolvia a terra, procurando lamber-nos com as suas enormes linguas.

Era chegada a ocasião dos nossos soldados mais uma vez mostrarem o seu valor e provarem ao inimigo que, quando é impossivel a vitoria a derrota é sempre difícil, não nos amedrontando a morte, que é sempre bela, quando nos encontra com os olhos fitos no engrandecimento e gloria da Patria!

A minha bateria, que mandei a seus postos, aguardava as minhas ordens, esperando a ocasião de provar que neste cantinho da Europa ainda ha homens que em nada desmereceram das virtudes herdadas dos nossos antepassados! O nervosismo, manifestado pela anciedade de romper fogo, era evidente e era natural; eu proprio o sentia. Comtudo nada se podia fazer! A minha bateria era uma bateria *silenciosa*, uma dessas baterias, colocadas na frente e sómente destinadas a romperem fogo em certas oportunidades e geralmente em circunstancias difíceis. Devem em regra estar em posições taes que a sua acção seja uma surpreza para o inimigo. Dependem directamente da alçada do comando da artilharia e não, como as outras, do comando do grupo.

Todas as comunicações tinham sido destruidas por essa brutalissima barragem de artilharia boche!

Estavamos isolados e sem comunicações!

Ordenanças a pé, a cavalo, em bicicleta, tudo o que mandava para a rectaguarda, tudo lá ficava!... Ninguem voltava!

Calcule os momentos angustiosos que eu e os meus homens passamos ao termos de assistir como simples espectadores a este duelo sangrento em que um dos contendores era nosso irmão, e do qual em parte dependia a sorte das nossas armas!

Terriveis momentos esses, meu amigo, em que esperavamos ordens que nunca chegaram!...

Em face disto mandei «sob a minha unica responsabilidade» abrir fogo.

Perece que tinham passado seculos e, consultado o relogio, tinham apenas decorrido dez minutos, que foi o tempo em que procurei pôr-me em contacto com os Comandos, o que nunca consegui. Foram os dez minutos mais horrorosos e compridos de toda a minha vida; foram dez minutos em que se viveu dez anos!

O fogo rompeu, e nós começamos a adquirir uma certa serenidade á medida que o combate se tornava mais intenso. Os dois valentes oficiais, juntos das guarnições, e os rapazes, mal davam atenção ao que em volta se passava, tal era o ardor e o desejo de tomarem parte no «sacrificio comum».

Nada mais se ouvia que o ribombar do canhão.

Assim se esteve até ás 8 h., hóra esta em que por nós começavam a passar para a rectaguarda alguns elementos de infantaria, que julguei irham reorganizar-se, a fim de voltarem depois reocupar os reductos á frente.

As horas decorriam debaixo da mesma intensidade de fogo; e, sendo já avultado o consumo das munições, mandei proceder ao remuniciamento que foi feito ás 9 e meia, dando ordem para que se dirigissem ao deposito de munições para que de novo fossem os carros cheios e aguardassem novas ordens. Não sabia o tempo que duraria esta situação e por isso tomei todas as precauções.

A situação ia se tornando cada vez mais difícil; consultando os meus dois bravos subalternos, julguei conveniente mudar de posição para a retaguarda, chegando a dar a voz d'alto fogo; já ouvia

Mania infeliz

A *Capital* desde que lhe deu a mania da historia está de todo infeliz! A proposito duma frase celebre de José Falcão, dizia-nos ante-ontem em ar de rectificação que o celebre tribuno republicano afirmara simples e terminantemente: —*«Se a Monarquia pode salvar a Nação, que a salve; mas se não pode salva-la, que se retire, para que os republicanos possam fazê-lo.»*

Era bonito realmente, se fosse assim! Mas não foi. E a *Capital*, ou deforma conscientemente o pensamento de José Falcão, ou nunca, senão agora, ouviu falar nas suas honradas palavras, muito oportunamente lembradas. O caso conta-o Augusto Fuschini na *Liquidação politica*. Foi no Bussaco, na varanda de Pilatos, em principios de setembro de 1891. Falira miseravelmente a revolução do Porto. José Falcão, desiludido, falava com Fuschini. Trocaram-se impressões, ventilaram-se hipoteses. Fuschini esperava ainda da Monarquia. Serenamente o confessou a José Falcão.

«Então o dr. José Falcão,—escreve Fuschini—,fitando-me com olhar claro e sincero, pronunciou esta frase, que um ane mais tarde, poucas semanas antes de morrer, deixava escrita **como desabafo de intimo desalento e de amarga experiencia,** (o normando é nosso): —«Se a Monarquia pode salvar a patria e restaurar as forças deste enfraquecido organismo nacional, que o faça... Nós não lhe pedimos mais.»

Assim é que é! E agora preguntamos nós, depois de verificarmos como a *Capital* transfigurou as palavras de José Falcão:

Será isto apenas inconsciencia?

Manuel Vieira Natividade

Honrando a sua memoria

Uma comissão de amigos e admiradores do ilustre folk-lorista Manuel Vieira Natividade, composta dos senhores José Sanches de Figueiredo Barreto Perdigão, Antonio de Sousa Neves, Augusto Rodolfo Jorge, Fernando Alipio Carneiro e Sá, José Henriques Vila Nova, José Emilio Raposo de Magalhães e Eurico de Araujo acaba de se constituir, a fim de levar a cabo a construção de um monumento que perpetue a memoria daquele sabio alcobacense, que ao estudo da sua terra consagrou toda a sua vida e inteligencia.

Dr. Antonio Sardinha

A' *Gazeta do Lima*, nosso ilustre colega, orgão do *Integralismo Lusitano* no Alto Minho, agradecemos as referencias feitas ao nosso querido redactor principal a proposito da sua brilhante estreia no Parlamento.

Lêr ámanhã:

Os nossos reis

editorial de Antonio Sardinha

os tiros soltos da infantaria, acompanhados de rajadas de metralhadoras.

Era o canto da sereia! lembrava-me que era a nossa infantaria que nos reductos aguentava o embate e eu julgava-me na obrigação de apoia-la e ordenava que o fogo recomeçasse. E repetiu-se isto quatro vezes !!!

A's onze e tal fui atingido por um estilhaço de granada que rebentou perto e que me inutilizou, varando-me a côxa esquerda de lado a lado. Vi a situação perdida e o sacrificio dos meus inutil e até um crime!... Tinha me enganado!... Era a infantaria alemã! Mandei cessar fogo e inutilizar as peças e em seguida que as guarnições retirem...

O martirio da retirada. — Como se batem os portuguezes.

—E os seus homens, como se portaram?

Um fulgor extranho ilumina-lhe a face de legitimo orgulho:

—Fôram uns bravos! Nunca se poderá imaginar como se portou a minha gente! Só quem assistiu aos seus actos de heroicidade, só quem os viu afrontarem a morte com um sorriso, conscios do seu dever e do que deviam ao nome de Portugal, pode saber o que de extraordinario ha na alma da nossa Raça que a torna inconfundivel e grande, que a faz invencivel e imortal!

«Impressionou-me tanto a sua conducta, foi me tão direito ao coração o seu bravo porte, que, poucos minutos antes de ser ferido, eu disséra aos dois oficiaes, unicos que comigo estavam:

«—Eu posso desaparecer dum momento para o outro; mas, se tal acontecer, debaixo deste terrivel fogo lhes imponho a obrigação de proporem toda a bataria para recompensa!»

«Eles bem o mereciam; não houve uma só fraqueza, uma unica defecção; desde os oficiaes ao mais humilde soldado souberam todos honrar o nome de Portugal!

Trez heroes!

Sem melindres para ninguem, seja-me comtudo licito destacar para aqui a admiração que me merecem os alferes Torres e Araujo e o sargento Manuel Gonçalves.

Os dois primeiros fôram os unicos oficiaes que sempre lealmente ao meu lado estiveram—pois não tinha outros disponiveis— e os meus companheiros dedicados e amigos. Quando eu necessitava de qualquer serviço de importancia, eles não hesitaram nunca um momento em atravessar essa tremenda barragem da artilharia, debaixo dum fogo vivissimo que lhes poderia ser mortal.

O sargento Manuel Gonçalves, sendo muito humilde, foi um bravo. A' frente dos seus soldados, denodado e sereno, ele afrontou a Morte que passou sem lhe tocar, fazendo o remunicionamento, satisfazendo e cumprindo todas as instrucções que dias antes de mim tinha recebido. Foi um serviço, posto que dificil e arriscado, *admiravel* pela rapidez e ordem absoluta com que foi executado.

O dr. Azevedo Gomes — As Enfermeiras Portuguezas — Um lapso lamentavel.

Só pelas 4 horas da tarde me foi feito o primeiro penso á ferida numa ambulancia que ficava uns 18 k. á retaguarda e, para lá chegar, tive que andar a pé, apoiado a uns soldados da minha bateria, cêrca de 4 k. Depois de muitos baldões vim parar á Base no dia 12 numa ambulancia automovel. Levaram-me a um hospital que me não recebeu, indo por mercê da Providencia parar ao Hospital da Cruz Vermelha Portuguêsa, onde fui recebido pelo dr. Azevedo Gomes. E uma vez que se me proporciona a ocasião, não quero, não devo deixar de manifestar aqui a minha eterna gratidão a esse homem a quem, proclamo-o bem alto, devo a vida. A sua dedicação pelos feridos, oficiaes ou praças, era de tal ordem, que ele deixava de ser cirurgião para ser um amigo, uma pessoa de familia. Não hesito em afirmar que ele creou um amigo em cada doente; e por mim, pode ele sabê-lo, tem um que por gratidão é certo e incondicional. Muito queria dizer-lhe a respeito da Cruz Vermelha Portuguêsa, mas não posso tomar-lhe tempo e por isso deixarei a explanação de tal assunto para ocasião oportuna. Mas, deixe-me dizer-lhe: vendo na edição da noite do «Seculo» de 16 de julho uma entrevista com o Ex.mo Sr. Major Alvaro Pope em que se faziam as referencias mais lisonjeiras a varias pessoas desta Sociedade da C. V. e de que bem algumas são, esqueceu por certo o nome do dr. Azevedo Gomes; e, confesso-lhe, fiquei desagradavelmente impressionado com este lapso, involuntario por certo, porque se o não fosse, não se poderia tolerar. São de tal ordem e tão claramente conhecidos os serviços desse homem de sciencia na Cruz Vermelha, que seria criminosa injustiça ocultar o seu nome sempre que fala da Cruz Vermeiha Portuguêsa. A ela tem indissoluvelmente ligado o seu já bem conhecido nome. As suas extraordinarias faculdades de trabalho, boa vontade e dedicação conseguiram que a sua obra fosse por deante, vencendo a oposição de alguns e a má vontade de muitos. E, resalvando este lapso, não quero tambem deixar no esquecimento a acção generosa das Senhoras Enfermeiras Portuguesas. Elas são longe da nossa Terra,—e quantas vezes perto da nossa Morte!, a nossa consolação e o nosso unico conforto!

Olhando-as, lembramo-nos das nossas Mães, das nossas Irmãs, da nossa Familia, emfim, que chora por nós talvez!...

«—Augusto Telo foi um Heroe! Podendo retirar, ele quiz ficar no seu posto, como um Português de Lei!

—Falou-me ha pouco do alferes Augusto Telo; pode-me dizer alguma coisa sobre a sua acção?...

—Queria guardalo para o fim. O Picão, como por nós era tratado, é no seu espirita admiravel de sacrificio uma das figuras que mais cala num coração de soldado.

Coube-lhe o ir fazer o observatorio nocturno, serviço este ingrato e arriscado a tal ponto, que só quem vive na «frente» póde bem ajuizar.

Conheço bem intimamente o Picão para ajuizar bem de perto a angustia desse oficial durante o espaço de tempo que debaixo desse terrivel fogo esteve no seu posto sem poder receber a mais ligeira indicação de ninguem; não tinha ligações, tinham desaparecido todos !!! Esse rapaz que primou sempre por ser um zeloso cumpridor dos seus deveres militares, veio pela sua heroica atitude comprovar uma vez mais a sua inquebrantavel tempera: esperou no seu posto ordens que nunca lhe podiam chegar, preferindo cair nas mãos do inimigo, a abandonar o serviço de que tão arduamente estava encarregado.

Para ele vão neste momento a minha homenagem como militar e um abraço de muita estima e saudade de amigo certo que ele sabe que sou!...»

Despedimo-nos. O depoimento admiravel desse valente soldado aí fica para gloria do nosso exercito.

Que o exemplo sobrehumano dos nossos pobres heroes seja o altar onde as nossas almas vão buscar na oração o desejo de vencer para que Portugal volte a ser grande!...

Felix Correia.

A agua de mesa de Valle de Cavallos

é a mais digestiva e a mais leve

Cronica teatral

Balanço da semana: todos os teatros com revistas e traduções... Teatro do Gimnásio—«Marionettes», comedia em 4 actos de Pierre Wolff

Para honra e gloria do teatro português e ainda porque enorme seja a vontade que a todos anima de o fazer ressurgir, a semana passada presenteou-nos em todas as casas de espectaculo da capital com... revistas e traduções. Minto: revistas não, porque isso que para aí se exibe não passa de uma reles mixerofada, aonde o bastante escorrido do teatreiro misturou chalaças de casa-de-tia com as amostras de gambias pôdres, canelas esburgadas para cabos de faca, espaduas de bater sola e sacos de café pendulando para fóra dos justilhos; a graça, o espirito, a ironia, o encanto das rimas e a sedução que dimana dos ritmos musicais, tudo isso emigrou de tal genero de teatro que nem preciso é que tenha logico desenvolvimento: basta apenas que exiba plasticas de scrig ites e chulos piadões... Hoje não ha revistas do ano, mas sim meras fantasias que bem poderiam ser um conto azul se porventura o gosto dos autores se empenhasse em perverter os dos espectadores propinando-lhes guisados mondongos de bote, ou cocando-lhes a irritavel sensualidade como se apenas de gatos e gatas ajanceiradas se compuzessem todos as assistencias.....

De modo que, meus senhores, eu não lhes irei aqui contar o que, na minha peregrinação por essas casas de espetaculos, me foi dado ver em materia de revistas... E a razão é muito simples, meus senhores: é que me não lembro sequer do seu entrecho. Percorrendo os escaninhos da minha memoria não encontro lá uma piada que digna seja de registo, qualquer manifestação de bom gosto, um ensinamento, uma leve restea de bon alegria, e muito menos—o mesmo seria que pedir a lua—a mais exigua moralidade. Lembra-me que todas elas substituem perfeitamente para os velhos cançados, viciosos, para as senhoras de tendencias extra-conjugaes e para os frequentadores de alcouces, — toda essa biblioteca fescennina que peja os quiosques do Rocio e que um garotão da mesma praça costuma oferecer veladamente aos que param a comprar jornaes... «Olhe p'ra isto» meu freguez!» Ver semelhantes miserias teatraes e ler os livrecos da «Colecção Galante Ilustrada» que ao seu editor, — aqui perto, ao voltar da esquina—tem carreado copiosa dinheirama, tudo é uma e a mesma coisa. Egualmente me lembro que nelas ha muitas pernas, muitas mesmo; que Pietro Aretino teria corado se ouvisse as bodeguisses que nas peças pelulam que a musica teve imensa repugnancia em colorir aquelas salsadas; que a trama, o enredo não difere sensivelmente em todas elas, e que a razão dos seus titulos foi coisa que não logrei perceber, a despeito dos imensos esforços que fiz e das extenuantes locubrações a que me entreguei... Ora porque demonio é que a revista posta em scena all no «Eden» se hade chamar Trombeta da Fama, em vez de «Berimbau», «Apito de Barro», «Casa d'hospedes», «Leitura só para homens» ou «Tres e nada camarada»? Poucos passos andados, e metendo a rua de Santo Antão, qual o motivo porque se chama «Salada russa» ao estendal de porcaria do Politeama, ou se titula de «A Revolta», ali a meio da Rua da Palma, aquela pecegada sem egual?

E debalde a gente procura a razão do titulo... Onde a coisa leva melhor geito é no Trindade: o pifio teatreiro chamou á sua escorrencia literaria «O gato maltez» e está bem assim: acho mesmo lindamente bem porque, os simpaticos bichanos em certas ocasiões exibem espectaculos de lucta livre que são o enlevo das marafonas, dos garotos e dos rufiões: alem disso fornecem productos da sua lavra que bem quadram ás narinas e ao paladar dos revisteiros: fiquem os senhores sabendo que é mesmo daquela massa que as revistas se fazem!...

*

Dirão talvez os leitores que o povo, se a revista enveredar por um caminho honesto, se pretender civilisar-se, tornar-se num espectaculo de arte, com tendencias moralisantes, com legitima graça, ironia de boa marca, despreocupada critica aos varios costumes e ás ocorrencias do a no, jámais acorrerá em multidões ao teatro, carreando para lá a imensa caudal de notas e moedas que emprezarios e auctores ambicionam...

Dirão tambem que o povo tem já o gosto pervertido... E' certo: ainda ha tempos, no «Apolo,» em certa revista nesse teatro exibida, um dos actores lançou por sobre as meninas, as senhoras casadas, as velhotas, as crianças e os homens uma alusão velada a certa inversão do sentimento genesio e tão horrorosa, tão vil, tão reveladora de miseria moral que bem de esperar fosse desconhecida á maioria do publico, pelo menos do feminismo, ali bastamente representado. Qual não foi o meu espanto quando certa senhora, muito nova, toda seria, com um rostinho que se diria espelhar todas as ingenuidades e que se encontrava a meu lado se poz a chamar a atenção do marido, toda ela sufocada em frouxos de riso, muito satisfeita, muito regalada, muito porca afinal de contas! E nos camarotes, na plateia, por toda a parte, as chulices do compadre e os ditos vergonhosos dos seus asséclas obtinham risadas, meneios compreensivos de cabeça, palmas, grossas gargalhadas...

Mas, santo Deus, se na verdade o povo gosta destas porcarias, não é uma razão para que se deixe os desmoralisadores continuarem na sua tarefissima tarefa. Não é uma rasão, não senhor: não ha direito de deixar dizer no teatro aquilo que na rua mereceria uma boa dose de soccos... Todos os vicios, todas as indecencias, todas as miserias moraes, as asquerosidades mais repelentes são hoje o dominio da revista, porque os revisteiros contam sempre com a impunidade: se na rua alguem se puzesse a dizer palavrões para toda a gente, ou diante desta exibisse, como manifestação de graça, espectaculos de homosexualidade e coisas parecidas, a chuva de bofetadas que o malandrão recebesse na tromba estenhada seria apenas o introito para uma estação d'aguas nos calabouços do governo civil E não obstante, essas miserias—que um pae não quereria ouvir os filhos, na mulher ou mesmo dos que os rodeiam, ponderando que a moralidade tudo teria a perder, são apresentadas no teatro — e seductoramente!—a essas crianças, a essas esposas e a toda a gente, no meio da indiferença de quam para tal deveria olhar!...

Para que diabo tem a policia um camarote em todos os teatros?

*

A excelente companhia que no Ginasio presentemente actua, levou á scena, sexta feira ultima, a comedia em quatro actos, de Pierre Wolff—*Marionettes*—que o sr. Melo Barreto verteu com cuidado para portuguez, apenas se esquecendo de traduzir o titulo, o que, certamente, fará logo que tenha dado por isso... Não se póde dizer, e a boa razão, que o tema versado na referida comedia seja duma novidade por'hi além; é mesmo algo velhusco e eu, se a memoria me não falha, creio já o ter visto tratar em três ou quatro comedias, remontando o estratagema, em redor do qual a acção gira, á mais recuada antiguidade.

Uma pobre e amorosa senhora vê se desprezada pelo marido e só consegue o seu amor despertando-lhe o ciume... Como os leitores vêem, é muito possivel que a minha avó, contemporanea das saias de balão e das botinas de duraque, houvesse assistido ao desenvolvimento de uma semelhante acção teatral, mas a verdade, a grande verdade é que o assunto não deixa de revestir um certo encanto e é proprio para a consecução de peripecias de primeira ordem.

Além disso, a peça de Pierre Wolff,—sem que o autor o tivesse querido, provavelmente—redunda na apologia da vida honesta e recatada, longe dos salões e do nuado que por todos os meios se diverte e perverte. A heroina principal, que fôra educada no convento e de lá saí a com ideias de honra e dever, a heroina que ama ternamente o seu marido e tudo faz para conseguir o seu amor, está bem em contraposição com a récua de pécoras e o enxame de vadios que no baile do segundo acto espaneja ao clarão dos lustres a sua completa imoralidade. Esse segundo acto é mesmo um completo mostruario de mundanismos e vicios elegantes: tudo são esposas que presenteiam dubiamente os maridos, maridos que dubiamente presenteiam as esposas, velhos e velhotas e coisas semelhantes... E a heroina para enciumar o marido mistura-se com as galderias elegantes que que povoam o baile, exibe aos olhos cubiçosos dos cavalheiros um decote escandaloso e aceita a côrte de todos eles sem se decidir por nenhum e no terceiro, depois de ter estado quasi a escorregar—ha experiencia? muito perigosas!... — repele o D. Juan porque continua a amar o marido e quando este tendo-as surpreendido num «flirt» lhe diz coisas terriveis e endoidecido pelo ciume, ela compreende que o amor voltou; dali em diante, até ao final, tudo se encaminha para o objectivo que ela tinha em vista—a conquista do coração que a desprezara.

A maneira porem como Pierre Wolff tratou o assunto e os episodios acessorios de que rodeou o desenvolvimento da acção, apresentou-nos no final de contas uma peça que será muito logica em Paris, mas que, entre nós, perde noventa por cento da sua possibilidade.

A comedia é em demasia parisiense e o baile do segundo acto creio que estaria mesmo a calhar para uma casa de dama que recebe cavalheiros... E como a logica em peças parisienses seja, não uma batata, mas um cabaz delas, assim se compreende que uma personagem, dias antes toda ela cheia de ideias de honra e pudor, ingenua e desconhecedora de todas as poucas vergonhas, nos surja logo depois competindo com as elegancias acessiveis ao mamismo, despeitorada até ao exagero, aceitando impudicamente a côrte dos varios D. Juans e consentindo até que um deles vá á sua casa; depois da meia noite, fazer-lhe uma declaração de amor coroada pela proposta de fugirem ambos e á qual ela está por um triz a aceder...

Tudo isto será muito logico se assim o quizerem; pela minha parte discordo e, quanto á moralidade da peça, permita-me duvidar que ela seja alguma coisa de real e verdadeiro, para toda a gente...

E os personagens, dos quaes o autor da comedia quiz fazer verdadeiros titeres mexidos por cordelinhos, são por vezes bastante incaracteristicos a tal respeito para que aceitemos a qualidade que se lhes pretendem conferir... A exemplificação é facil apresentada e de nenhum estudo psicologico: as situações por vezes são falsas como Judas, e as conclusões do autor, se é que ele quiz ter essa veleidade, são bastante arbitrarias.

O desempenho não nos agradou: a companhia, na qual ha elementos de todo o valor farton-se de ir mal. Houve somente algumas scenas justamente representadas por Palmira Bastos e Brazão; na generalidade porém, a interpretação não nos satisfez. O sr. Carlos Santos, que tanto sabe de teatro e tão bem sabe ensaiar, fez quanto de peior podia fazer.

O resto da companhia idem na mesma data. Scenarios escapatorios e mais não disse.

Alvaro Maia

Tauromaquia

—

A corrida de beneficencia em Setubal

A comissão de benemeritos setubalenses e bemfeitores, cem o valioso auxilio da empreza Mesquita & C.ª promove no proximo domingo na praça de touros Carlos Relvas, em beneficio do Hospital da Misericordia, benemerita instituição de caridade que tantos serviços presta á pobresa.

A comissão, tem já um excelente curro de touros, todos puros, generosamente oferecidos pelo abastado lavrador de Palma, sr. dr. José Maria Posser de Andrade.

Na corrida, excelentemente organisada prestam o seu generoso concurso, os laureados bandarilheiros amadores D. Carlos de Mascarenhas e João Coutinho, alem de festejados bandarilheiros do Campo Pequeno.

A lide equestre tomam parte os valentes cavaleiros Ricardo Teixeira e Constino José.

A comissão ainda espera o concurso de um festejado cavaleiro amador.

No domingo ha para Setubal comboios extraordinarias.

Na Malveira

Na proxima quinta feira realiza-se nesta praça uma magnifica corrida, na qual toma parte o valente cavaleiro Ricardo Teixeira e um festejado grupo de bandarilheiros do Campo Pequeno.

Para depois, o Antonio Preto e a sua «troupe» farão um dos seus melhores intervalos comicos.

Nas Caldas

Com motivo do primeiro dia da grande feira anual, realiza-se na quinta-feira proxima, naquela praça de touros, a inauguração da epoca, para a qual ha grande animação, pelo facto de nela tomar parte o notavel cavaleiro José Casimiro, que pela primeira vez vai tourear ás Caldas.

Na lide de pé tomam parte os festejados bandarilheiros Teodoro, Tomé, Custodio Domingos, Rodrigo Large, A. Cruz e R. Reposo.

Lida-se um soberbo curro de touros, pertencente a um dos nossos melhores lavradores.

Presta-se gentilmente a dirigir esta magnifica corrida, o mestre do toureio equestre, sr. Victorino Froes.

Em Boja

Na quinta-feira, com motivo da grande feira anual, realiza-se naquela praça de touros a terceira corrida da epoca, tendendo-se um belo curro de touros do lavrador sr. Mendes Nuncio.

Na lide equestre tomam parte os distinctos cavaleiros amadores D. Alexandre de Mascarenhas e João Branco Nuncio e os artistas Morgado de Covas e Constantino José, e na lide de pé, o novilheiro Plá Flores, Jorge Cadete, Alfredo dos Santos e A. Xavier.

O ex-bandarilheiro Manuel dos Santos lidará um touro, alternando com o seu colega Jorge Cadete.

Esta magnifica corrida será dirigida pelo distincto «sportman» D. José de Barahona (Esperança).

Na quinta-feira ha comboios extraordinarios para Beja.

A BEIRA
S. A. R. L.
Seguros Terrestres, Maritimos e Guerra,
Greves e Tumultos
Seguros agricolas
Delegação de Lisbon:
Largo de S. Julião, 12, 1.º
Telefone C. 905

LACTOSSINA
—Especifico das tosses—
Usa-se com exito seguro contra as **bronchites**, *e sempre que se apresente o sym-ptoma —* **tosse.** *— Nas* **constipações grippe,** *etc. deve tomar-se, á noite, na cama uma colher de* **LATOSSINA** *em uma chicara de leite bemquente.*
Pharmacia FREIRE DE ANDRADE & IRMÃO
LISBOA

...INUNDAÇÕES GRANIZOS ...
E ENXURRADAS
SEGUROS contra estes riscos, e SEGUROS pecuarios contra acidente e morte natural, efetiva a *Comp.ª de Seguros «Atlantica»*, Loios 9, 1.º. Porto da qual são delegados em Lisboa
V. Cunha & C.ª
R. do Comercio 28, 1.º Tel—306

Palmyra Callixto
Tratamento de senhoras e creanças
Massagem medica manual e electrica
Gymnastica medica e sueca. Tratamento da pelle e cabellos. Manucure.

Agua Mineromedicinal Mouchão da Povoa
Largamente conhecida e recommendada pelo seu enorme poder cicatrisante e desinfectante.
Uso externo: Optima regularisadora intestinal, doenças de estomago e das senhoras.
Numerosos attestados medicos e particulares.
Deposito geral, Largo do Conde de Barão, 48 (Telephone 3503 central).

Jornadas e Salões

Aniversarios

Fazem amanhã anos, as senhoras:

D. Maria José Alves Pereira de Melo (Cadaval).
D. Helena Garcez Ferreira Pinto.
D. Izabel Valado Barbeo Pinto.
D. Maria da Cunha Pimentel de Vasconcelos.
D. Maria Osorio da Rocha e Melo.
D. Leopoldina de Barros Lima.
D. Luiza Maria Salomé de Avilez.
D. Emilia Salés y Rivas.
D. Maria Helena Garcez Pinto de Madureira (Varzea do Douro).
D. Ana de Barros Freire Osorio.
D. Amelia de Carvalho Mourão.

E os srs:

D. Francisco Maria da Camara.
Dr. Carlos da Silva Oliveira.
José Manoel Pinto (Sacavem).
Frederico Hogan.
Frederico Manoel da Ponte Horta.
Gavazo da Nobre de Lima.
Manoel Maria da Veiga Ottolini Travassos Valdez (Bombim).
Antonio Gaspar Moreira Baltar.
Carlos Malheiro Dias.

—Passa hoje o aniversario natalicio da nobre senhora condessa de Cascaes.

Casamentos

Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira realisou-se no sabado passado o casamento da senhora D. izabel Maria Kiuft Lopes da Silva, muito gentil filha da sr.ª D. Lucilia Kiuft Lopes da Silva e do sr. José Ribeiro Lopes da Silva, com o sr. Carlos Frederico de Lencastre Schwalbach Lucci, filho da senhora D. Mariana de Lencastre Schwalbach (Louzã), já falecida, e do nosso muito querido confrade sr. Eduardo Schwalbach Lucci.

A cerimonia teve um caracter intimo, sendo celebrada pelo rev. prior da Freguezia de S. Sebastião. Serviram de padrinhos os pais dos noivos.

A seguir, em casa dos pais da noiva, foi oferecido a todos os convidados, um delicioso «lunch» fornecido pela pastelaria Marques, findo o qual os noivos seguiram para as Caldas da Rainha onde passarão uma temporada.

Aos dois simpaticos e muito estimados noivos que na sociedade «vieille-roche» disfrutam um logar de relevo, apresentamos as nossas mais cordiaes felicitações.

—Está justo o casamento do sr. dr. Saul Sibões Sério com a sr.ª D. Benedicta Santos de Jesus.

Veraneios mundanos

Santo Amaro (Oeiras) 12 de agosto

Meu Magriço

Ando muito arrelihado porque me estafo em arranjar-lhe boas noticias, porque suo a compor a minha prosa e estendo-me a dar-lhe uma mistica forma para fazer encantar as «pequenas» d'aqui, e, no final de contas, algumas das minhas curtas são sáem, outras vêm tão atrapalhadas que faz lembrar um «parceiro» que aqui ha que nunca chega a tempo a parte alguma.

Adeante. Como já te disse, e tu tiveste ocasião de verificar, a primeira recita teve um exito absoluto. Foi dificil compilar os nomes da assistencia, porque está aqui muita gente e muita outra veiu que não conheço. Mas farei por me tornar um «carnet» ambulante, como convem a todo o cronista mundano.

A'manhã, terça feira, realisa-se o segundo espectaculo com o 2.º e 3.º actos da bela opera «Rigoletto», cujo desempenho causará, sem duvida, o mesmo entusiasmo que no primeiro espectaculo vibrantemente coroou o trabalho de D. Maria Pires Marinho, de D. Isabel Fragoso, de Alfredo de Mascarenhas e de Guilherme Bizarro.

Afortunado foi o inteligente gerente do Eden-Casino em compôr um tão homogeneo grupo de artistas de valiosos recursos; e assim, certo está de que eles se desempenharão brilhantemente do dificil incumbencia que lhes foi confiada.

Hontem o Casino esteve muito animado. A «matinée» foi deliciosa em musica, em «flirts», em simples conversas e em discusões algo pitorescas.

—A quadra estiavel traz-nos sempre impressões varias quasi sempre produzidas por... bonitos «á sensation». E' geralmente, neste tempo de férias e dum relativo socego, que os espiritos, não tendo muita preocupação, se comprazem em traçar projectos, sobre pequenas indicações, baseados simplesmente em casos e coisas, a maior parte das vezes sem a importancia que se lhes quer atribuir e que aumenta ou diminue conforme o genio inventivo de quem o propala. Assim é que até nossos ouvidos chegaram uns cochichos de duas proximas uniões. Nas interessados nelas são, segundo os mesmos boatos, duas gentilissimas meninas, uma possuidora dum nome enobrecza antiga que em Cascaes disfruta do maior respeito e consideração, outra, filha duma muito conhecida e respeitabilissima familia do Alemtejo, onde possue uma importantissima casa.

Eles são dois simpaticos rapazes. Um deles traz nome em que inicial um L, dir-se-hia pertencer aos «Doze de Inglaterra», tal o seu porte e a sua audacia nos lances arriscados, lembram os famosos guerreiros que a Albion foram batalhar por sua dama. O outro, é um rapaz do Norte, que o Venturo levou a uma feira de Vila Viçosa, onde chegou, viu e venceu.

«Voilá tout».

De Jornada

—Ida de Manique, onde esteve hospeda dos srs. Condes da Azambuja, encontra-se já em Cascaes a sr.ª D. Barbara Ferreira Pinto Basto, muito gentil filha da sr.ª D. Sofia de Laxman Ferreira Pinto.

—Partiram para as Caldas da Rainha, o sr. Henrique de Castro Constancia, sua esposa a sr.ª D. Maria Ferreira Pinto Figueira Freire Constancia e interessantes filhinhos.

—E' esperado brevemente, vindo de Merida onde tem estado nas prosperidades que seus paes ali possuem, o sr. Afonso Burnay.

—Irá brevemente para Cascaes, onde será hospeda da senhora D. Sophia de Laxmann Ferreira Pinto, a senhora D. Marianna de Mendonça, muito interessante filha dos nobres srs. Condes da Azambuja.

—Regressou a Pau a senhora Duqueza de Cadaval.

—Está já em Cintra os senhores Condes de Calhariz.

—Tambem já se encontra na mesma instancia o sr. Marquez de Valfior.

—Parte brevemente para Madrid, o sr. Reynaldo de Laxmann Ferreira Pinto Basto.

Seu irmão Theodoro, ha pouco regressado da quinta da Conceição, propriedade de seus avós, parte em breve para as Caldas da Rainha.

—Está em Cascaes o senhor D. João de Portugal (Vimioso).

—Chegaram já á sua elegante vivenda do Estoril o sr. Dr. Augusto de Assis, sua esposa e filhos.

—Acompanhada de seu pae o sr. Vasco Calvet de Magalhães, partiu de Cascaes para Viladego a sr.ª D. Maria Helena de Souza e Vasconcelos Calvet de Magalhães.

—Estão nas therm s do Gerez o sr. Dr. Arlindo Correia Leite e sua esposa.

—Partiu para a Curia com sua esposa, o sr. Dr. Egas Moniz.

Já partiram para o Luso donde no fim do mez irão para a praia da Granja a Senhora D. Anna Leite da Silva e seu marido o sr. Dr. Carlos Artur da Silva e suas interessantes filhas D. Maria Christina, D. Maria Emilia e D. Maria Emiliana.

Doentes

Está completamente restabelecida da grave enfermidade que a reteve no leito a senhora D. Lia da Luz Silva Correia, extremosa mãe da sogra dos nossos dedicados amigos senhores Candido Correia e Alexandre da Costa Andrade.

«A Mata Tenebrosa»

Fiel á sua promessa a empresa do Coliseu dos Recreios está apresentando cada noite um novo episodio do celebre film «A Nova Missão de Judex», essa incomparavel creação da casa Gaumont, que está entusiasmando Lisboa em peso. No espetaculo da moda de hoje estreia-se o 4.º episodio «A Casa dasCiladas».

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL
206, R. Augusta, 214
54, R. d'Assunção 56
Emprestimos sobre joias, ouro, prata papeis de credito. Juro maximo, 5 réis por cada 5 tostões.
Cofres para alugar nas casas fortes

A grande conflagração

Notas d'um cronista

Parece-nos que nos não enganaram as nossas despretenciosas suposições da ultima cronica, pois com efeito o ataque aliado de *fixação* se desenrola para norte do Somme, na região do Ancre, isto é, para as bandas de Albert e Corbie, ao passo que o de *perfuração* lançado por Foch, com o fim imediato de descongestionar a frente de Amiens (tão de perto até ha pouco ameaçada pela artilharia alemã) se travou pouco mais ou menos na direcção S. O. N. E. e tem indubitavelmente por objectivo mais ou menos remoto as margens do Somme, ahi pelas alturas de Peronne, forçando o adversario a retirar ou a entregar-se, como no Marne.

Já o Havre vai passado e as tropas aliadas estão na posse de Moreuil e de Roye e alcançam no momento em que escrevemos, a frente Pierrepont-Rosières-Mercourt o que indica que, na realidade apontam a Chaulnes. E como Chaulnes é um cruzamento importante das vias de comunicação do inimigo (para Nesle, Ham e Saint-Quentin, para Peronne e para Bray e Bapaume)—natural é que os aliados liguem grande importancia á sua posse e que, por seu lado, os alemães se agarrem bem ao terreno, como até aqui, vendendo caro cada palmo cedido.

Anunciam os comunicados francezes 20 e tantos mil prisioneiros e grande numero de canhões tomados aos alemães. Achamos muito natural, pois não é excedida a media das tomadias feitas pelos alemães nas suas ofensivas passadas. Para grandes exercitos, grandes perdas e grandes baixas.

E, como se sabe, trata-se hoje em dia de muitos exercitos, cada um dos quaes não faz muita diferença, quanto a effectivos de «Grande Armée», que Napoleão levou contra a Russia.

Logo uma perda de 20 a 30 mil homens não é pode dizer-se nada relativamente para tais effectivos.

Bastará para isso citar estas perdas em material e prisioneiros sofridas pelos aliados no 4.º anno de guerra e que constam das respectivas estatisticas: 7 mil canhões; 24.600 metralhadoras; 751.972 espingardas; 2 mil aviões; 200 globos captivos; 1.705 cosinhas de campanha; 300 «tanks;» 5 mil locomotoras; 28 mil vagons; 65 mil viaturas; 858.500 prisioneiros. Fóra o terreno que o inimigo ocupou e que orça por uns 218 mil kilometros quadrados, elevando-se o numero de baixas, em mortos e feridos a perto de 6 milhões de homens.

Claro está que identicas a estas deverão ser as perdas germanicas durante o mesmo periodo de tempo.

E não consta que tal coisa tenha influido demasiadamente sobre os resultados da guerra, pois que na realidade por um lado esta, segundo parece, está, se formos a olhar á gana dos dois adversarios «para lavar e durar», e por outro tambem tal coisa fez jámais desesperar o generalissimo francês, que certamente ainda tem bem presente dos seus tempos de tamanino a regra das proporções arithmeticas e geometricas.

E' isto o que, imparcialmente e sob o restricto ponto de vista tecnico, unico que nos preocupa ao traçarmos estas linhas, se nos afigura—pois em boa verdade a nossa missão neste jornal julgamo-la a dum cronista imparcial se bem que desauctorisado.

Em resumo: mantemo-nos no nosso ponto de vista d'ontem.

Desfeito o saliente de Chateau-Thierry, tracta agora Foch de desmanchar, furando-o pelas «fossas nasaes» (Mareuil-Chaulnes-Peronne) aquele saliente monumental em forma de formidavel «narigão» que apontava Amiens.

Consegui-lo-ha? Não o conseguirá? Breve o saberemos.

11-VIII-918.

Saturio Pires

Teatros e Cinemas

Reclames

Ginasio

Foi como era de esperar um grande acontecimento teatral a premiere das Marionetes que anteontem se realisou no Ginasio com enorme concorrencia das principaes familias nossa primeira sociedade.

A deliciosa comedia repete-se hoje em 3.ª representação.

Politeama

Podia o «Boa Nova», se quizesse, estabelecer um consistorio de predições; atrair-lhe com a sua labia fecunda e não menos fecunda sciencia a mais selecta freguezia, que não falta quem deseje saber o que futuramente poderá ir a suceder-lhe, mediante esportula mais ou menos avultada, mas sempre pinga.

Eden

Quem se vê forçado a passar em Lisboa a estação calmosa, tem aonde recrear-se, que ao Eden, o mais vasto e arejado teatro da capital, e ali, alem de estar esplendidamente, gosa um esplendido espetaculo apreciando uma revista verdadeiramente sem rival.

Teatro Avenida

Hoje não ha espectaculo neste teatro para se fazer o ultimo ensaio geral da engraçadissima peça «Madame Eva, sonambula,» o maior sucesso de gargalhada em todos os teatros do estrangeiro, onde conta centenas de representações.

Esta peça, que oferece grande novidade no genero, está espirituosamente adaptada ao meio lisboeta.

ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21—«Amôr de perdição».
S. LUIZ—A's 9 h.—«Generos alimenticios», comedia.
TRINDADE—A's 9,30—«O gato maltez», revista.
GINASIO—A's 9 e 30 — «Marionettes», comedia.
APOLO—A's 9,30—A famosa revista «A revolta».
POLITEAMA—A's 9,30—«Salada russa», revista.
AVENIDA—A's 9,30—«O homem de gelo», comedia.
COLISEU—A's 21—Espetaculo da moda—«A Nova missão de Judex».
EDEN—A's 21,30—«Trombeta da Fama».
SALÃO FOZ—A's 9—Animatografo e variedades.
SALÃO DOS ANJOS.—A's 9,30—A revista «Pau casorte».

Animatografos

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.
Olimpia—Animatografo e concerto.—«Matinées» todos os dias.
Salão Central—(Palacio Foz)—Animatografo e concerto.
Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Matinées» as quinta-feiras.
Cine-Paris—Animatografo ás 5.as, 7.as, sabados e domingos.
Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.
Salão da Trindade — Animatografo e concerto
Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.
Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.
Chantecler—Todas as noites litas saladas.

— —

JARDIM ZOOLOGICO—Exposição permanente de animaes.